

## Geomotricidade: explorando um horizonte interdisciplinar

David Augusto Santos<sup>1</sup>  
Sérgio Oliveira dos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo propõe uma perspectiva de integração entre a disciplina de Educação Física escolar e o ensino de Geografia pela interlocução com o fenômeno da Motricidade Vital. Perguntamos: como é possível integrar duas experiências educativas e seus saberes que aparentemente são tão distantes? Para tratar a problemática apresentaremos os fenômenos de estudo da Educação Física escolar e do ensino de Geografia, deixando clara a importante distinção entre aquilo que compõe o campo de saberes dessas áreas com a tese integradora da Motricidade Vital. Pela metodologia hermenêutica e com alguns exemplos, o estudo propõe a utilização do termo “geomotricidade” para delinear um modo próprio de acesso às manifestações motricias georreferenciadas.

**Palavras chave:** Geomotricidade; Motricidade Vital; Educação Física escolar; Ensino de Geografia.

**Abstract:** This article proposes a perspective of integration between the subject Physical Education at school and the teaching of Geography through the dialogue with the phenomenon of vital motricity. We ask: how is it possible to integrate two educational experiences and their knowledge that are –as it seems – so far apart? To deal with the problem, we will present the phenomena of studies of school Physical Education and the teaching of Geography, making clear the important distinction between what makes up the field of knowledge of these areas with the integrative thesis of Vital Motricity. Through hermeneutic methodology and with some examples, the study proposes the use of the term “geomotricity” to delineate a specific way of accessing georeferenced motor manifestations.

**Keywords:** Geomotricity; Vital Motricity; School Physical Education; Teaching Geography.

### Introdução

No início da pandemia de Coronavírus (março de 2020) o grupo de formadores do CECAPE (Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação - Dr<sup>a</sup> Zilda Arns - São Caetano do Sul) acolheu o desafio de elaborar as primeiras experiências educativas para o que viria a ser o programa “Educação Conectada”, um modelo de Ensino Remoto Emergencial (ERE)<sup>3</sup>. Na ocasião, formamos um grupo de professores especialistas em diversas áreas do conhecimento na tentativa de criar uma proposta de atividade interdisciplinar, elegendo temáticas abrangentes e relacionadas àquela situação emergencial. O material produzido recebeu o título “SuperAção” e tinha caráter de projeto integrador multidisciplinar.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Geografia na rede municipal de ensino de São Caetano do Sul. Professor formador do CECAPE (Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação Dr<sup>a</sup> Zilda Arns – SCSul)

<sup>2</sup> Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professor formador do CECAPE (Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação Dr<sup>a</sup> Zilda Arns – SCSul). Membro do CEMOROC/ Feusp (Centro de Estudos Medievais Oriente-Occidente) e Membro do CoMoVi (Coletivo Motricidade Vital).

<sup>3</sup> “A educação remota emergencial, é uma mudança temporária da entrega de conteúdos curriculares para uma forma de oferta alternativa, devido à situação da crise” (ARRUDA, 2020, p. 265-266).

Desse início, outros processos criativos foram sendo explorados. Em alguns deles nós estivemos envolvidos diretamente. Entre as criações didáticas coletivamente elaboradas, destacamos uma abordagem de integração entre a disciplina de Educação Física escolar, o ensino de Geografia e seus respectivos campos de conhecimento.

Na oportunidade de dialogar sobre os nossos projetos de pesquisa e as programações de nossas aulas, descobrimos que explorávamos temas similares, como, por exemplo, o fenômeno esportivo. Iniciou-se o levantamento de um material de estudo para realizar um encontro de HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo), em modalidade virtual, com professores de Educação Física e Geografia.

Esse encontro não aconteceu, mas a proposta de integração seguiu para outra via: a criação de um curso para a rede municipal de Educação de São Caetano que recebeu o título, “Motricidade e as suas geografias: reflexões e aproximações entre Educação Física e Geografia”, integrando a programação da 2ª fase de um evento intitulado “Encontros Dialógicos”, organizado pelo CECAPE no ano de 2021.

O que intencionamos neste artigo é traduzir as incursões epistemológicas e metodológicas deste (per)curso que estão na gênese de um conceito que nomeamos como “geomotricidade”, ou seja, um modo de georreferenciamento das experiências motricias, seus sentidos, valores e relações ao explorar as possibilidades de análise do ser-motricio<sup>4</sup> situado.

O problema inicial apontado no curso foi: como, e por onde, é possível integrar as áreas de conhecimento da Geografia e da Educação Física?

A tese que defendemos é que, uma abordagem de integração possível (evidentemente não a única), se dá pelo fenômeno da motricidade.

O método de trabalho incluiu a delimitação do fenômeno de estudo no ensino da Geografia, seguido da delimitação do fenômeno de estudo da Educação Física escolar e, numa terceira via, ou melhor, na via integradora, o conceito de Motricidade Vital, o conceito de ser-motricio e suas abrangências.

A aproximação entre as duas áreas, pelo fenômeno da Motricidade Vital, configura-se por uma abordagem metodológica hermenêutica, cujo propósito é desvelar os sentidos, valores e os modos relacionais presentes nas manifestações estudadas.

### **O fenômeno de estudo do ensino de Geografia**

A Geografia enquanto campo da ciência constitui-se de fundamentações teóricas, conceitos e métodos em relação à problemática de seu objeto de estudo. A Geografia escolar corresponde ao conjunto de saberes dessa ciência que tem lugar no ensino fundamental e médio no território brasileiro.

A Geografia escolar tem como principal referência a ciência geográfica. A complexidade das espacialidades sentidas e vivenciadas na atualidade são geradas pelas práticas sociais que demandam diferentes olhares, ampliando assim o campo temático e as problemáticas abordadas pela Geografia. Nesse sentido, a Geografia

---

<sup>4</sup> “Compreender o fenômeno do ser-motricio é ir ao encontro da essência do objeto de estudo da motricidade humana. Trata-se de uma formulação que preconiza as noções de ser humano, corporeidade, motricidade, práxis criadora e linguagens, de forma integrada. É fundamental a compreensão dos horizontes do ser-motricio já que todas as ações humanas, bem como a educação, estão diretamente relacionadas ao modo de vivência, interpretação e compreensão desse fenômeno” (SANTOS, 2017).

escolar<sup>5</sup> (CAVALCANTI, 2012) está nas investigações sobre o ensino de Geografia no campo da Didática.

Ressaltamos que o saber da Geografia escolar não se limita apenas ao domínio de conteúdos<sup>6</sup> e listas intermináveis de nomenclaturas dos aspectos naturais e humanos, espacializados no espaço geográfico.

O saber da Geografia é fundamental à formação dos sujeitos que atuam na vida social à medida que propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas ações sociais (CAVALCANTI, 2010).

Diante dessa dicotomia entre a Geografia que se ensina e a Geografia da vida, Girotto e Mormul (2016) apontam para a necessidade de se partir do pressuposto de que o ensino de Geografia deve reconhecer o raciocínio geográfico como um dos elementos fundantes do ser social, como forma de superar a Geografia conteudista ainda muito recorrente nas redes de ensino da Geografia na educação básica.

Portanto, o raciocínio geográfico pode ser concebido como a capacidade de estabelecer relações espaço-temporais entre fenômenos e processos e em diferentes escalas geográficas. Em nossa perspectiva, constitui-se enquanto saber estratégico para a compreensão do mundo atual, mas que ainda ocupa um lugar secundário nas práticas de ensino de geografia que privilegiam uma lógica de planejamento pautado na repetição. Por isso, torna-se fundamental pensar na construção de uma Educação Geográfica que busca possibilitar aos alunos o desenvolvimento do raciocínio geográfico contribua na formação de sujeitos sociais que sejam capazes de compreender e estabelecer relações espaço-temporais entre fenômenos e processos, aparentemente, desconectados. (GIROTTTO; MORMUL, 2016, p. 82)

Nesse sentido, o reconhecimento do raciocínio geográfico<sup>7</sup> como ponto de partida e objetivo da Geografia escolar torna-se essencial nos debates didático-curriculares para além do conteudismo. A realidade atual deve ser considerada essencial como ponto de partida e de chegada do processo de ensino-aprendizagem no ensino de Geografia assim como a interpretação dos fenômenos geográficos que não deve ser apenas descritiva, mas também problematizadas e que possibilite no desenvolvimento de ações interdisciplinares para a compreensão das complexidades da atualidade que nos cercam.

---

<sup>5</sup> CAVALCANTI (2012) enfatiza que o processo de estruturação da Geografia escolar deve, no entanto ser visto em seus amplos percursos, das formulações científicas às diversas recontextualizações, e não só na sala de aula; os documentos e a teoria que se produzem a respeito.

<sup>6</sup> Desde o aparecimento dos primeiros currículos de Geografia da educação básica, tem predominado uma lista ampla de conteúdos, vinculados aos mais diferentes temas e que ajudam na construção de uma concepção de senso comum pela qual tal disciplina escolar é percebida pelos sujeitos como “maçante”. (GIROTTTO; MORMUL, 2016, p.83)

<sup>7</sup> Uma das estratégias didáticas que podem ser adotadas nessa perspectiva de desenvolvimento de raciocínio geográfico é o trabalho a partir de situações. (GIROTTTO; MORMUL, 2016, p. 89)  
Destacamos neste artigo, à guisa de exemplo prático, algumas possibilidades de ações didáticas integradoras entre Educação Física e a Geografia a partir das situações dos Megaeventos Esportivos.

## O fenômeno de estudo da Educação Física Escolar

A Educação Física escolar têm, historicamente, uma diversidade de abordagens que delimitam sua composição<sup>8</sup>. A perspectiva da cultura corporal do movimento como objeto da Educação Física, é predominante nos documentos orientadores da educação brasileira, respectivamente, nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) e na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), proveniente dos estudos culturais. Pela cultura corporal do movimento, o mover humano:

(...) é entendido como forma de comunicação com o mundo que é constituinte e construtora da cultura, mas também é possibilitada por ela (...) o que qualifica o movimento enquanto humano é o sentido/significado do mover-se, sentido/significado mediado simbolicamente e que o coloca no plano cultural. (BACHT, 2014, p.53)

No currículo municipal de São Caetano do Sul (SCS, 2020) a perspectiva adotada como referencial para a disciplina é a da cultura corporal de movimento, entretecida com os estudos em motricidade em suas dimensões ontológicas (ser-motricio).

A Educação Física escolar, na opção estruturante do currículo em questão, apresenta uma materialidade bem definida, tanto para a exploração e experimentação de boa parte das manifestações da cultura corporal, como a condução de leituras das realidades onde essas manifestações ocorrem na humanidade, seja de forma local, regional e/ou global; seja em seus contextos. Podemos constatar a materialidade experiencial nos jogos, nos esportes, nas lutas, nas danças e atividades rítmicas, no circo, nas ginásticas, nas práticas de aventura e em espaços urbanos.

A opção pela aproximação com os estudos da motricidade no currículo municipal de São Caetano do Sul está relacionada à necessária superação da fragmentação entre a dimensão biodinâmica e a cultural (SANTOS, 2020), encontrada nas diversas abordagens. Além disso, a abordagem da cultura corporal do movimento não abrange uma concepção progressista de educação. “É preciso portanto, articular um conceito de cultura que se coadune com os pressupostos sociofilosóficos da educação crítica” (BRACHT, 2014, p. 53).

Dessa aproximação surge a pergunta que, de certo modo, conduz à tese que defendemos: se a Educação Física escolar se aproxima do fenômeno da motricidade para superar a fragmentação entre as dimensões biodinâmicas, sociofilosóficas, ontológicas e culturais do ser-motricio, seria a motricidade também um referencial para integrar a Educação Física com o ensino da Geografia?

O conceito de ser-motricio situado, proveniente dos estudos em motricidade (SANTOS, 2017; SANTOS, 2018), cuja matriz reside na ontologia, torna-se fundamental nessa construção, inclusive abre outra via para o entendimento da práxis pedagógica. Não obstante é um dos pontos centrais no texto do currículo de Educação Física de São Caetano do Sul (2020, p. 651-658). A figura a seguir mostra como o leque de possibilidades de análise e interpretação, assim como o potencial pedagógico e de aproximação com outras áreas do saber se multiplicam.

---

<sup>8</sup> Entre as abordagens mais significativas temos a abordagem desenvolvimentista, construtivista, de ensino aberto, sistêmica, crítico-emancipatória, plural, crítico-superadora (FREITAS, 2008).

O que desejamos destacar é que, a riquíssima materialidade das diversas práticas da cultura corporal se potencializam ainda mais quando são integradas à rede do ser-motricício situado.

Veremos mais adiante como, por meio dessa rede, a aproximação com o fenômeno de estudo da Geografia torna-se efetivo, sem que nenhum dos campos do conhecimento percam sua identidade.

Não só isso, mas nessa proposição integrativa, contempla-se a emergência da complexidade e das teorias integrativas, um modo de romper com as estruturas cartesianas tão fortes na educação escolarizada.



Figura 1- Direcionamento para uma ecomotricidade.  
Ser-motricício situado (TRIGO; SANTOS, 2019, p. 72); (SCS, 2020, p. 654)

### A tese integradora da Educação Física e Geografia pelo fenômeno da Motricidade Vital

Antes de propor a tese integradora entre a disciplina de Educação Física escolar e o ensino de Geografia é imprescindível distinguir a disciplina de Educação Física escolar do fenômeno da motricidade. Para alguns, esses dois universos são vistos como similares, mas não são. A Educação Física escolar integra um conjunto de vivências relacionadas à cultura corporal do movimento, orientada para as questões didáticas. Já a motricidade é um fenômeno que não fica circunscrito às práticas corporais, também as inclui, mas está para além delas, já que trata do modo de ser e agir no mundo.

Para deixar clara essa distinção, acionamos as contribuições do CoMoVi (Coletivo Motricidade Vital), um grupo de investigadores que assim descreve a Motricidade Vital e seus princípios:

... a Motricidade Vital é intrínseca à própria vida. Não é uma construção teórica (apenas), não é uma prática (apenas), não é uma

experiência (apenas), não é um discurso (apenas). É uma atitude perante a vida, uma forma de ser-e-estar-no-mundo. É um tempo/lugar onde estamos para viver, conviver, aprender e ensinar. É o nosso eixo ontológico-epistemológico-metodológico de construção do conhecimento com outros seres vivos com quem compartilhamos Gaia e o Cosmos. É, portanto, um novo paradigma porque me permite estudar problemas-mundo de diferentes perspectivas e propor alternativas de vida pessoal e coletiva a partir de vários construtos. A Motricidade Vital é uma ontologia regional dentro do paradigma da complexidade. Porque ciência é saber + conhecer, é conhecer corporalmente (encarnadamente), integrando nossa rede de sentidos em um todo relacional comigo, os outros, o outro. (COMOVI, 2022, p. 10)

A tese integradora entre a Educação Física escolar e o ensino da Geografia, ao compartilhar objetos de conhecimento, direciona-se ao fenômeno da motricidade e gera uma terceira via de acesso ao agir humano situado e, para referenciar essa terceira via, vamos apresentar de modo resumido o conceito de Motricidade Vital.

Percepção de nosso ser-corpóreo (estar-no-mundo) que, a partir da incompletude, nos impulsiona a viver e caminhar para ser-mais (transcendência), coimplicado cooperativamente com o(s) outro(s) e o com o cosmos, a partir de todas as qualidades, línguas, culturas e habilidades que são próprias dos seres humanos, destinados a co-criação de seres humanos /comunidades / sociedades / mundos que permitem a vida digna de todos os seres presentes e futuros. Motricidade Vital é viver afetuosamente, com ética, transcendência e colaboração cósmica. É vivenciar diferentes ações que impliquem em desenvolver nossa sensibilidade, que se converta em experiências significativas, a partir das quais poderíamos narrar e contribuir com novas formas de ser-e-estar-no-mundo, para buscar outras perguntas que nos levem a diferentes alternativas, criando uma rede de sentidos de todos com todos e com o que nos rodeia. Motricidade Vital como consciência integrativa e regeneradora, como criação de mundos possíveis, com esperança e alegria para seguir semeando utopias realizáveis, com calma eficiente, que nos permita uma mudança de paradigma de nosso-ser-no-mundo em relação com os demais seres vivos com os quais compartilhamos Gaia. (COMOVI, 2022, p. 13)

A Motricidade Vital surge como proposta de uma nova ontologia regional, como desdobramento dos estudos em motricidade humana, e, como trata de integrar seres humanos com seus lugares e formas de viver, suas ações, suas estruturas institucionais e os modos de linguajar<sup>9</sup>, tem se mostrado um horizonte promissor de

---

<sup>9</sup> “Linguajar/Linguajar é um modo de conviver e ocorre como um fluir recursivo de coordenações de coordenações de fazeres consensuais. A Linguagem é o modo de viver e conviver humano, não um instrumento relacional, embora ocorra no fluir relacional da convivência” (MATURANA ROMESÍN; DÁVILA YÁÑEZ, 2009, p. 170). Isso significa que: “...quando buscamos determinar se duas ou mais pessoas estão ou não interagindo na linguagem, não apenas procuramos suas coordenações consensuais de ações, mas também uma dinâmica de recursão em suas coordenações consensuais de ações” (MATURANA, 2014a, p. 139). Isso é relevante para o estudo da motricidade georeferenciada uma vez

integração disciplinar. Neste estudo estamos tratando de desvelar esse potencial integrador entre a Educação Física escolar e o ensino de Geografia, mas deixamos aqui uma questão: o conceito de motricidade vital não teria o potencial integrador de outras disciplinas escolares? Ou, colocando a pergunta de forma melhor elaborada: a Motricidade Vital não poderia ser um referencial significativo para suspender as perspectivas fragmentadas de visão de mundo?

A figura a seguir pode ajudar a compor uma matriz compreensiva para o exercício dessa suspensão.

<b>GUIA - ESCALAS DE APRECIÇÃO DA MOTRICIDADE VITAL</b>			
<b>NÍVEIS DE REALIDADE - CONTEXTO - COMO ACESSAR O <i>SER-MOTRÍCIO</i>?</b>			
<b>OBJETIVA</b> Biodinâmica	<b>SUBJETIVA</b>	<b>INTERSUBJETIVA</b>	<b>TRANSCENDENTE</b>
	Realidades Supra-objetivas - ÂMBITO - (Alfonso López Quintás)		
<b>ACESSO DIRETO</b> (Mensuração)	<b>ACESSO INDIRETO</b> (LINGUAGENS, INSTITUIÇÕES E AÇÕES - Josef Pieper)		
<b>FORMA</b>	<b>ESSÊNCIA</b>		
<b>“OBJETIFICAR”</b>	<b>“FENOMENIZAR”</b> (Jesus Conill)		
Identidade Normativa Mensura, Classifica, Compara e Julga	Identidade Narrativa (Paul Ricoer) Historicidade Onde é possível construir alteridade		
<b>SER-MOTRÍCIO SITUADO - PESSOA</b>			

Figura 2 - Escala de apreciação da Motricidade Vital

O quadro (figura 2) foi elaborado partindo do pressuposto que a realidade humana apresenta-se em diferentes níveis. Para essa elaboração, adotamos a proposição dos distintos níveis de realidade de Alfonso López Quintás, especialmente a ideia das realidades objetivas e supra-objetivas, ou âmbito, como o autor apresenta (LÓPEZ QUINTÁS, 2004; *idem*, 2016).

Com esse referencial compreensivo sugerimos acessar o fenômeno da motricidade em suas manifestações, considerando: a realidade objetiva, ou seja, aquela que se mostra materialmente delineada e suas transposições subjetivas, intersubjetivas e transcendentais.

A dimensão da materialidade do ato permite um acesso direto, ou seja, pelo vivido daquele que realiza a ação, daquilo que é sentido como corporeidade atuante. Também a dimensão da realidade objetiva frente à materialidade dos movimentos do corpo pode ser delimitada por sua forma ou técnica, assim como os seus ordenamentos temporais e espaciais concretos, isto é, no espaço físico que ocorrem e na transição temporal dos acontecimentos, quiçá através de alguma técnica ou método de mensuração.

Esse contato com a materialidade da ação abre espaço para caminhos de aferição, categorização, comparação e classificação. As dimensões da espacialidade

---

que, “o fluir de suas mudanças corporais, posturas e emoções tem a ver com o conteúdo do seu linguajar. Em suma, o que fazemos em nosso linguajar tem consequências em nossa dinâmica corporal, e o que acontece em nossa dinâmica corporal tem consequências em nosso linguajar” (MATURANA, 2014b, p. 201)

euclidiana que o corpo ocupa, por exemplo, tratam do acesso objetivo das manifestações da motricidade.

Tudo isso tem seu grau de importância, mas será que o acesso direto à materialidade das manifestações motrícias e/ou biodinâmicas do corpo é suficiente para acessar o ser-motrício agindo em seus contextos?

Na perspectiva da antropologia filosófica de Josef Piper, como nos ensina Jean Lauand (2007, p. 124-127), o acesso ao conteúdo das experiências significativas do ser humano, ou seja, seu mundo vivido, concreto, não está totalmente disponível a nosso saber consciente. As grandes experiências, no decorrer do tempo, se desvanecem e acabam caindo no esquecimento. Elas não desaparecem totalmente, elas se transformam e podem ser acessadas indiretamente através das instituições, dos modos de agir e no fazer-se da linguagem. Acessar o ser-motrício exige ir além do que é possível “apalpar e sentir”, é necessário um esforço interpretativo cauteloso e profundo.

Podemos dizer que a espacialidade objetiva que o corpo humano ocupa não é suficiente para dizer da realidade do ser-motrício situado. Isso porque não habitamos e nem nos movemos tão só numa espacialidade objetivável. Ao nos mover acionamos também valores, sentidos e relações, interagimos em contextos e em torno de narrativas e interpretações. Essa dimensão “supra-objetiva” é acessada de modo indireto.

Vejamos o processo de formação da identidade do ser-motrício, por exemplo. Recorrendo aos estudos de Paul Ricoeur (2004), vemos que a realidade objetiva participa da constituição do que o autor chama de identidade *idem*, ou seja, uma dimensão normativa da identidade. Esta realidade está apresentada ao lado esquerdo do quadro. Já ao lado direito, a identidade *Iipse*, é aquela que compõe-se de modo mais descritivo, mais narrativo e não necessita converter experiência em dados mensuráveis para comparar e classificar, uma vez que as subjetividades corpóreas das experiências são únicas, nem melhores, nem piores.

Um olhar para além da realidade objetiva é um componente metodológico fundamental nas análises geomotrícias. Ao buscarmos compreensões mais abrangentes para as recorrências linguísticas (linguajar), as instituições e as ações humanas, nos aproximamos da abordagem que considera aquilo que está encarnado nas experiências e que ganham horizonte expressivo ao revelarmos suas essências.

Para reforçar essa proposição metodológica acionamos as contribuições de Jesus Conill (2019, p. 58), ao analisar a intimidade corporal a partir do estudo da obra de Ortega y Gasset, apontando que objetificar é um modo distinto de acessar a realidade corpórea humana do que o processo de fenomenizar.

Ao se valer da matriz compreensiva do quadro chegamos a um caminho de acesso ao ser-motrício que nem é pura objetificação e nem uma fenomenologia desencarnada. Trata-se de um transbordamento de sentido, que vai desde os componentes sensíveis da pessoa, integrando seus aspectos direcionais, emocionais, semânticos, situacionais, axiológicos e existenciais.

A seguir vamos exemplificar como o quadro auxilia na observação de algumas manifestações motrícias georreferenciadas que compartilham o mesmo objeto de conhecimento entre a Educação Física escolar e o ensino da Geografia.

## Garimpos geomotricios

Tomando como referência a metodologia de acesso às complexas manifestações da motricidade (figura 2), vamos brevemente apresentar algumas análises para ilustrar a práxis metodológica que utilizamos no estudo.



Figura 3 - Judoca egípcio se recusa a cumprimentar israelense durante a olimpíada no Rio de Janeiro. <https://www.otempo.com.br/hotsites/olimp%C3%ADadas-2016/judoca-rejeitado-por-egipcio-sobe-ao-podio-nao-poderia-me-abalar-1.1354494>

A imagem acima (figura 3) é um dos exemplos de como as tensões geopolíticas se manifestam a partir dos gestos e movimentos dos atletas nos megaeventos esportivos. Nesse exemplo, a partir do raciocínio geográfico e da Motricidade Vital, compreendemos o gesto do atleta para além de um não cumprimento do espírito olímpico do judô, mas um gesto carregado de intencionalidades de relações de poder<sup>10</sup> e resistência em virtude do conflito entre Israel e Palestina que existe desde o ano de 1947 com a criação do Estado de Israel. Em virtude dessas tensões geopolíticas, atletas palestinos do judô evitam cumprimentar e até competir com judocas israelenses.



Figura 4 - Feyisa Lilesa e o gesto de protesto ao cruzar a linha de chegada. <https://edesporto.com/feysis-lilesa-um-medalhado-com-medo-de-183248>

<sup>10</sup> Claude Raffestin na obra “Por uma Geografia do Poder”(1993), destaca que a política não se restringe apenas ao Estado, o poder político está em toda forma de organização, ou seja, toda relação de poder há simultaneamente energia e informação no fluxo de homens, bens e de sua infraestrutura.

Neste segundo exemplo (figura 4), o gesto do atleta etíope representa mais do que uma singela comemoração pela conquista de uma medalha em competição olímpica. É um gesto simbólico que indica a resistência do povo da etnia Oromo, que sofre perseguição política e privação de terras e seus recursos naturais. A manifestação do atleta possibilitou uma projeção das tensões territoriais do país africano ocasionando debates e reflexões na comunidade internacional. O gesto do atleta representa uma das variadas e complexas tensões geopolíticas da Etiópia por ser considerado um país estratégico no chamado Chifre da África. Diante dessa repercussão decorrente do gesto do atleta, ocorreu uma ação do Comitê Olímpico Internacional na tentativa de puni-lo por violar as regras<sup>11</sup> do esporte olímpico ao se manifestar politicamente.



Figura 5 - Equipe de refugiados - Olimpíada do Rio 2016.

<https://exame.com/casual/equipe-de-refugiados-da-rio-2016-conquista-premio-esportivo/>

A edição dos jogos olímpicos realizada no Rio de Janeiro (2016) foi a primeira ao longo da história desse megaevento esportivo a compor uma delegação de atletas refugiados (Figura 5). Grupo esse de atletas carregados de histórias e tensões, sem uma Nação, sem uma identidade e sem um território. Ao mesmo tempo em que o evento esportivo pune atletas que se manifestam politicamente, ela também expõe as tensões geopolíticas ao mundo ao propor que uma delegação de atletas refugiados participe das competições.

Outro exemplo é a cooptação dos sistemas valorativos e de sentido dos chamados “esportes radicais”, ou de aventura, que são transfigurados e reconfigurados para pertencer ao movimento olímpico. O caso da prática do skate e a reconfiguração de território que migra dos movimentos contra hegemônicos urbanos, que sai do status de marginalização para ser validado com performances no território olímpico, pela mídia e pelo consumo.

Se de um lado é possível enxergar práticas de apropriação dos espaços urbanos pelas manobras do skate, detectar influências da cultura punk e desejos por transgressão, de outro lado existe a

---

<sup>11</sup> A Regra 50.2 da Carta Olímpica estabelece que: "Nenhum tipo de demonstração ou propaganda política, religiosa ou racial é permitida em quaisquer parques Olímpicos, locais de competição ou outras áreas."

cidade enquanto um organismo funcional, que detecta, seleciona e analisa seus componentes urbanos. Os skatistas, sujeitos indesejáveis quando o assunto é manter a ordem e a disciplina, foram muitas vezes classificados como arruaceiros, agitadores ou baderneiros. (BRANDÃO, 2008, P. 21)



Figura 6

Figura 6 – Protesto de skatistas em junho de 1984 contra a proibição da prática pelo então prefeito de São Paulo, Jânio Quadros.

<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1643951673477210-protesto-de-skatistas-contrajanio-quadros>



Figura 7

Figura 7 – Mudanças de drive-thru do Mc Donald's para “drive tudo” em 2021, e o acesso por meio de patins, bicicleta e até skate.

[https://www.mcdonalds.com/is/image/content/dam/usa/nfl/assets/images/trademark\\_permissio\\_n\\_2Col\\_1110x740.jpg?\\$Publication\\_Two\\_Column\\_Desktop\\$](https://www.mcdonalds.com/is/image/content/dam/usa/nfl/assets/images/trademark_permissio_n_2Col_1110x740.jpg?$Publication_Two_Column_Desktop$)

A complexidade e abrangência das análises motrícias georreferenciadas também pode ser observada nesse exemplo:



Figura 8: Soldados indianos e paquistaneses se enfrentam em cerimônia na fronteira

<https://www.bbc.com/travel/article/20150429-indias-bizarre-border-ritual>

O subcontinente indiano que até o ano de 1947 estava sob soberania inglesa foi devolvido no pós 2ª Guerra Mundial ocasionando várias divisões territoriais, como a que se dá entre a Índia e o Paquistão. A cidade de Wagah na fronteira Índia-Paquistão (figura 8), na qual no fim do dia é realizado cotidianamente o processo de fechamento da fronteira, soldados de ambos os países realizam uma cerimônia com danças sincronizadas e belicosas assistidas pelos respectivos habitantes que é

finalizado com o arreamento das bandeiras. Índia e Paquistão atualmente vivem uma tensão geopolítica pela disputa da região da Caxemira.

Além desses exemplos, muitos outros fenômenos podem ser observados pela metodologia das manifestações motrícias georreferenciadas como:

- a) O ritual da puxada de rede<sup>12</sup>, suas relações com os tempos de escravidão no Brasil e sua aproximação com a manifestação da capoeira;
- b) As mulheres das ilhas tropicais de Vanuatu<sup>13</sup> e as manifestações de canto e percussão na água que demonstram um entrelaçamento forte com o território;
- c) Os meninos e meninas que fazem malabares nos faróis da cidade de São Paulo<sup>14</sup> e a relação da infância com o trabalho infantil;
- d) Para ficarmos próximos da realidade escolar, citamos o estudo entre as formas relacionais e os diferentes territórios dentro da escola, fenômeno contemplado por Sérgio Alejandro Toro Arévalo e Glória Angela Niebles (2011) ao analisar a organização de estudantes sentados em suas carteiras numa sala de aula com as dinâmicas de convívio ao redor de uma mesa de ping-pong.

### **Nasce uma terminologia? Gera-se um conceito?**

Pelos exemplos, abordagens conceituais e análises aqui retratadas podemos dizer que, ao explorarmos o ser-motricio situado, há uma tendência das manifestações motrícias carregarem um intenso componente de geograficidade. Tal perspectiva abre caminhos compreensivos para falarmos de experiências motrícias georreferenciadas, ou, tão só, geomotricidade<sup>15</sup>.

Ao propor essa terminologia assumimos o desafio de traduzir uma realidade específica, considerando que a linguagem não dará conta da complexidade do fenômeno que estamos estudando. A “geomotricidade”, como referencial de acesso ao modo de ser-motricio, tanto pode auxiliar no desvelamento de um horizonte compreensivo como enfrentar o risco da delimitação do sentido. Por outro lado, reconhecemos a necessidade de explorar os recursos semânticos para dizer o que está diante de nossa percepção e que, por falta de palavras, não atentemos às suas emergências.

A palavra que elegemos não só descreve uma realidade, mas também auxilia na sua criação, certos de que deixamos os caminhos abertos aos contrapontos e críticas necessárias para o avanço do conhecimento.

---

<sup>12</sup> Vídeo – Barravento/ Puxada de rede: Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=wwafGWnYL8A>>. Acesso em 07 mar 2022.

<sup>13</sup> Vídeo: Vanuatu Women's Water Music. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=JstxgWfku5g>>. Acesso em: 7 mar 2022.

<sup>14</sup> Veja reportagem: Os meninos coloridos e invisíveis dos faróis de São Paulo. Disponível em:<<https://livredetrabalho infantil.org.br/noticias/fotojornalismo/os-meninos-coloridos-e-invisiveis-dos-farois-de-sao-paulo/>> . Acesso em: 07 mar 2022.

<sup>15</sup> Encontramos a palavra “geomotricidade” sendo utilizada para explicar uma experiência de dança, cujos movimentos são instigados e inspirados por figuras geométricas, sejam elas demarcadas ou imaginadas. Veja em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c0ycd7avPYQ>>. No entanto, a proposição terminológica e o sentido neste estudo diferem dessa perspectiva, uma vez que no contexto da dança o prefixo “geo” remete-se a dimensões geométricas enquanto que, em nosso estudo, o prefixo contempla a geograficidade. Além dessa referência, não encontramos outra utilização desse termo.

Assim, compreendemos “geomotricidade” como: desvelamento de ocorrências motricias em manifestações e práticas corporais humanas integradas ao território em que se manifesta ou se instala. Esse dimensionamento territorial não se encerra na espacialidade física, apesar de ser muito relevante da constituição de lugar, mas avança num dimensionamento simbólico, metafórico, poético, existencial e político. A “geomotricidade” é o esforço interpretativo cuja visada é localizar a motricidade na totalidade da experiência, desde a materialidade vivida, passando por valores e sentidos que estão circunscritos num fluxo de múltiplas ocorrências e contextos, esses por sua vez e em muitos casos, velados e escondidos, e porque não dizer, invisibilizados e subjulgados.

### **Ressonâncias educativas na formação de professores**

A primeira incursão educativa que possibilitou tornar pública a tese de integração entre o ensino da Geografia e da Educação Física a partir da motricidade, e a oportunidade de propor o termo “geomotricidade”, foi um curso desenvolvido no programa de formação do CECAPE, nos meses de outubro e novembro de 2021, em modalidade híbrida.

O título do curso foi “Motricidade e as suas geograficidades: reflexões e aproximações entre Educação Física e Geografia” e contou com dois encontros remotos, um encontro presencial e a proposta de realização de três atividades complementares sendo:

- 1) assistir e analisar o filme “O último bailarino de Mao”;
- 2) a realização de uma experiência de deriva situacional, ou seja, uma imersão em escala geográfica local com registro fotográfico. Aproveitamos essa experiência para explorar dois importantes conceitos: o conceito de “deriva situacional” de Francesco Careri (2017) e o conceito de “punctum” de Roland Barthes (2015);
- 3) criação de um plano de aula que fosse inspirado pelas reflexões e metodologias exploradas no transcorrer dos encontros.

Entre os participantes contamos com professores de Educação Física, Geografia, Educação Infantil, Ensino Fundamental I e de Educação Especial com um total de 12 docentes efetivamente participantes do curso.

Constatamos, nas manifestações dos participantes, um acolhimento muito significativo da tese de integração entre Educação Física escolar e o ensino de Geografia pelo fenômeno da motricidade. Podemos dizer que o termo “geomotricidade” surgiu a partir dos diálogos com os participantes e da preparação do material do curso.

Além do acolhimento da tese, o grupo de participantes reconheceu a complexidade do fenômeno e as dificuldades compreensivas inerentes ao método de desvelamento que exploramos nas atividades complementares. O fato é que, nas proposições de planos de aula que os participantes elaboraram, foi possível observar as ressonâncias dos conceitos e metodologias exploradas no curso, ainda de forma sutil, mas presentes.

Ficou evidente que precisaremos de mais tempo, mais incursões, mais diálogos e mais investigações para compor estratégias didáticas na perspectiva da “geomotricidade”.

## Finalizando

Por tratar-se de uma abordagem inicial, originada pela aproximação da Educação Física escolar com o ensino da Geografia, há muitos aspectos ainda para serem debatidos e desvelados, especialmente os de ordem epistemológica, metodológica e pedagógica.

Com esse estudo aceitamos o desafio e a responsabilidade acadêmica de propor uma nova terminologia para acessar e delimitar uma realidade humana. Por esse motivo, a discussão e crítica precisam ser exercidas por aqueles que se interessam pelo caminho investigativo.

Finalizamos propositivamente defendendo a ideia de que a "geomotricidade" pode ser um horizonte compreensivo capaz de permitir um alargamento do olhar para as manifestações humanas. Olhar que tanto pode percorrer as manifestações motricias dos jogos, dos esportes, das danças, das ginásticas, das lutas (campo de experimentação da Educação Física escolar), dos ritos, das festas populares, assim como aquelas próprias da vida cotidiana, atravessadas pelas desigualdades sociais, pelo colonialismo, pelo preconceito, pela violência e suas tantas representações, pela exploração dos mais vulneráveis e pelas políticas de desmonte dos diques de proteção social.

Além disso, que a aproximação da Motricidade Vital com as proposições pedagógicas possa abrir horizontes de experimentações abertas a exploração, a criação de vias que principiem com a experiência, ou seja, com vivências concretas que acionam aspectos sensíveis da corporeidade e que não se limitem aos processos valorativos estandardizados que desconsiderem o percurso do conhecimento coletivamente construído.

## Referências Bibliográficas

ARÉVALO, S.A.T.; NIEBLES, G.A. Cuerpos vividos e dinâmicas relacionales em el escenario escolar: una mirada desde la fenomenologia. *Revista electrónica diálogos educativos*. Ano 11, n.21, agosto de 2011, p. 132-156. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3931324.pdf>> Acesso em: 8 de fev 2022.

ARRUDA, E.P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. *EmRede Revista de Educação à Distância*, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Documents/DOC%20C3%8ANCIA%20HIBRIDA%20INTERMITENTE/621-Texto%20do%20artigo-3318-1-10-20201014.pdf>>. Acesso em: 8 de fev de 2022.

BARTHES, R. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Nova Fronteira, 2015.

BRANDÃO, L. Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. *Revista História do Esporte*, v.1, n.2, dezembro de 2008. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/view/778/719>> . Acesso em: 08 fev 2022.

BRACHT, W. *Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Ijuí: Unijuí, 2014.

CARERI, F. *Caminhar e parar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

- CAVALCANTI, L. S. Geografia, escola e a construção de conhecimentos. Campinas, SP: Papirus, 1998. 17ª edição 2010.
- CAVALCANTI, L.S. Geografia escolar, formação e práticas docentes: percursos trilhados. In: CASTELLAR, S.V. (Org.) *Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos*. São Paulo: Xamã, 2012.
- COMOVI, Coletivo Motricidade Vital. Motricidade Vital: uma nova ontologia regional. *International Studies on Law and Education*, CEMOrOc-Feusp, n. 40, jan-abr de 2022. Disponível em:<<http://www.hottopos.com/isle40/Motricidade.pdf>>. Acesso em: 8 fev 2022.
- CONILL, J. *Intimidad corporal y persona humana. De Nietzsche a Ortega y Zubiri*. Madrid: Editorial Tecnos, 2019.
- RICOEUR, P. *O si-mesmo como outro*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- FREITAS, M.C (Org.). Abordagens pedagógicas no ensino de Educação Física a partir da década de 1970. *Secretaria de estado da educação do Paraná*. Tapejara, 2008. Disponível em:<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2148-6.pdf>> . Acesso em: 8 fev 2022.
- GIOTTO, E. D.; MORMUL, N. M. *Formação docente e educação geográfica: entre a escola e a universidade*. Curitiba: CRV, 2016.
- LAUAND, J. *Filosofia, linguagem, arte e educação: 20 conferências sobre Tomás de Aquino*. São Paulo: Factash Editora, 2007.
- LÓPEZ QUINTÁS, L. *O conhecimento dos valores: introdução metodológica*. São Paulo: É Realizações, 2016.
- LÓPEZ QUINTÁS, L. *A inteligência criativa: descoberta pessoal dos valores*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- MATURANA, H. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014a.
- MATURANA, H. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014b.
- MATURANA ROMESÍN, H.; DÁVILA YÁÑEZ, X. *Habitar humano em seis ensaios de biologia cultural*. São Paulo: Palas Athena, 2009.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo (SP): Ática, 1993
- SANTOS, S.O. Da polaridade bios cultural à rede de sentidos: outros caminhos possíveis para a Educação Física. *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)*, v.12, n.1, 2020. Disponível em:<<https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/71987>>. Acesso em: 07 dez 2021.
- SANTOS, S.O. Ser-motricio e as realidades ambitais. *Notandum*, n.46, jan-abr 2018 CEMOrOC-Feusp / IJI-Univ. do Porto. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand46/7sergiof.pdf>> . Acesso em: 8 fev 2022.
- SANTOS, S. O. Ser-motricio. *International Studies on Law and Education*, Cemoroc-Feusp / IJI-Univ. do Porto, n. 27, set-dez, p. 37-48, 2017. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/isle27/37-48Sergio.pdf>>. Acesso em: 8 fev 2022.
- SCS. *Currículo Municipal de Educação de São Caetano do Sul*. SCS, 2020. Disponível em:<<https://drive.google.com/file/d/1eCFz0KK2aXIVBTLLeZAP8eSyUt8DbxWfF/view>>. Acesso em: 6 fev 2022.

TRIGO, E; SANTOS, S. Diálogos motrícios. *Revista Internacional d'Humanitats*. Cemoroc Feusp/ Univ. Autônoma de Barcelona, n. 46-47, maio-dezembro, p. 6-47, 2019. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/rih34/index.htm>> . Acesso em: 6 fev 2022.

Recebido para publicação em 08-02-22; aceito em 12-03-22